

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL INSTITUTO DE  
PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA**

**MARTINA DALL'IGNA DE OLIVEIRA**

**Nos Limites da Analisabilidade: Interrogações a uma Psicanálise Contemporânea**

**Porto Alegre 2022**

**MARTINA DALL'IGNA DE OLIVEIRA**

**Nos Limites da Analisabilidade: Interrogações a uma Psicanálise Contemporânea**

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura.

Área de concentração: Psicanálise e Cultura

Orientador: Prof. Dr. Amadeu de Oliveira Weinmann

**Porto Alegre 2022**

O48 Oliveira, Martina Dall'Igna de

Nos limites da analisabilidade : interrogações a uma psicanálise contemporânea/ Martina Dall'Igna de Oliveira – Porto Alegre, 2022.  
95 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Amadeu de Oliveira Weinmann.

1. Psicanálise contemporânea. 2. Limites da analisabilidade.  
3. Sugestão. I. Weinmann, Amadeu de Oliveira. II. Título.

CDU 159.964.2

**MARTINA DALL'IGNA DE OLIVEIRA**

**Nos Limites da Analisabilidade: Interrogações a uma Psicanálise Contemporânea**

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof. Dr. Amadeu de Oliveira Weinmann (orientador)**  
**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

---

**Profa. Dra. Mônica Kother Macedo**  
**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

---

**Dra. Sissi Vigil Castiel**  
**Sigmund Freud Associação Psicanalítica**

---

**Prof. Dr. Nelson Ernesto Coelho Júnior**  
**Universidade de São Paulo**

Porto Alegre, 11 de março de 2022.

## Agradecimentos

À Amadeu Weinmann, por acolher meu desejo de pesquisa. Obrigada pela disponibilidade, pela presença respeitosa, pela leitura sempre atenta e pelos apontamentos que expandiram as fronteiras deste trabalho. Estendo também meus agradecimentos aos colegas do grupo de pesquisa, cujas trocas foram de fundamental importância neste percurso.

À Sissi Castiel, pelos transformadores encontros em supervisão e estudo, cuja profundidade me trouxe até aqui. Um privilégio contar com a sua leitura atenta nas bancas de qualificação e defesa desta pesquisa.

Aos professores Nelson Ernesto Coelho Júnior e Mônica Macedo, pelas contribuições tão fecundas na banca de qualificação, fundamentais para a continuidade desta pesquisa. Meu agradecimento pelo aceite e disponibilidade em integrarem a banca de defesa.

À Stella e Benício, meus maiores amores, aprendo tanto com vocês.

Ao Felipe, meu parceiro e incentivador incansável, meu mais profundo agradecimento. Sem a tua presença, esta pesquisa e tantas outras conquistas não seriam possíveis.

Ao Renato, que, por me apresentar a possibilidade de ter sido estrangeira, me ensinou a gostar de olhar com curiosidade, a me interessar pelo desconhecido, pelas fronteiras, e, sobretudo, a se “maravilhar” com diferentes culturas. Merci pour tout.

À Márcia, porto seguro, por sempre me incentivar a ir em direção ao que acredito e me faz senti(r)do.

À Socorro, cuja inteligência e força tanto admiro. Obrigada por tanto.

Às amigas-irmãs, que me mostraram o que é sororidade muito antes de eu conhecer esta palavra: Ana Luiza, por tanto que partilharmos dos nossos caminhos na psicanálise e na vida afora, obrigada por estar comigo nas alegrias e turbulências; À Liège, por partilharmos do mesmo amor pelas fronteiras, pelo estrangeiro, pela psicanálise, pela poesia, pelas traduções e pelas inquietações, que tanta vida nos trazem. Uma alegria contar com vocês também neste percurso.

Este processo de pesquisa é profundamente marcado pela singular experiência de escrita durante a pandemia de COVID-19, o que torna cada agradecimento ainda mais especial.

Compreendam bem que o compromisso que está em questão na contemporaneidade não tem lugar simplesmente no tempo cronológico: é, no tempo cronológico, algo que urge dentro deste e que o transforma. (Giorgio Agamben, *O que é o contemporâneo?*, 2009, p. 65)

. . . reconhecer que o psiquismo só pode ser indagado de forma indireta, que ele “manda sinais”. É escutando, estando na cabeceira do divã, como nos dispusemos a ressoar com o inconsciente do analisando, deixando vibrar ele próprio. Contudo, esta comunicação hermética, ou de circuito fechado, não basta para constituir uma disciplina, um pensamento. Sempre faz falta um terceiro que escute o que os outros se dizem e ouvem. Por isso, os analistas – e, em alguns casos, também os analisandos – escrevem. Ao fazê-lo, se escutam entre eles, às vezes se reconhecem, ou são impactados pelo lampejo de uma novidade. (André Green, *El pensamiento clínico*, 2002/2014, p. 15<sup>1</sup>)

---

<sup>1</sup> As traduções das obras em língua estrangeira citadas nesta dissertação são de responsabilidade da autora.

## Resumo

Oliveira, M. D. (2022). *Nos limites da analisabilidade: Interrogações a uma psicanálise contemporânea* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.

Esta dissertação tem como objetivo pesquisar o fazer psicanalítico frente às patologias que tensionam as fronteiras da atividade do analista. Para tanto, parte-se da problematização dos casos limítrofes na psicanálise contemporânea: configurações psíquicas que, na literatura psicanalítica atual, são nomeadas de diversas formas: *fronteiriças*, *borderline*, *estados limites*, *não-neurose*, *patologias do narcisismo*, entre outras denominações que evidenciam uma pluralidade de entendimentos entre os psicanalistas, marcando uma inevitável interrogação à psicanálise. Tais psiquismos, por apresentarem falhas nas representações simbólicas, têm como forma prevalente de escoamento das intensidades não tramitadas, simbolicamente, a força da *moção pulsional* da segunda tópica freudiana, colocando em xeque o enquadre clássico psicanalítico. Considera-se, portanto, estas manifestações como *estados no limite da analisabilidade*. A pesquisa tem início na leitura da obra freudiana, visitando momentos da história do movimento psicanalítico em que os limites de analisabilidade foram questionados pela prática clínica, promovendo, assim, um avanço das fronteiras teórico-clínicas, até chegarmos nas contribuições da literatura psicanalítica recente acerca dos estados fronteiriços. Esta revisão da literatura foi conduzida pelo constante interrogante clínico que acompanhou, e segue acompanhando, os avanços teórico-clínicos ao longo história: a influência do analista sobre o analisando. Como articulador da mesma, utilizamos o conceito de *contemporaneidade*, a partir da visão do filósofo italiano Giorgio Agamben.

**Palavras-chave:** Estados-limites. Limites da analisabilidade. Psicanálise contemporânea.

Sugestão.

## Resumée

Oliveira, M. D. (2022). *Nos limites da analisabilidade: Interrogações a uma psicanálise contemporânea* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.

Ce travail a comme but la recherche du “faire” psychanalytique en face des pathologies qui rendent les frontières de l’activité de l’analyste tendues. Pour cela, l’on part de la problématique des cas limite de la psychanalyse contemporaine: des configurations psychiques qui, dans la littérature psychanalytique actuelle, sont nommées de plusieurs façons: *frontières*, *borderline*, *états limites*, *non-névroses*, *pathologies du narcissisme*, parmi d’autres dénominations qui rendent évidente une pluralité de compréhensions parmi les psychanalystes, ce qui impose une interrogation inévitable à la psychanalyse. Des tels psychismes, qui présentent des failles dans les représentations symboliques, ont la force de la *motion pulsionnelle* de la deuxième topique freudienne en tant que forme fréquente d’écoulement des intensités non transmises symboliquement, ce qui mène l’*analysabilité* à l’échec. La recherche a son début dans la lecture de l’œuvre freudienne, touchant des moments de l’histoire du mouvement psychanalytique dans lesquels les limites de l’analysabilité furent mises en question pour la pratique clinique, tout en promouvant un avancement des frontières théorique-cliniques, jusqu’à en aboutir aux contributions de la littérature psychanalytique récente sur des états frontières. Cette révision de la littérature fut orientée par l’interrogation clinique permanente qui accompagne, y a toujours accompagné, les avancés théorique-cliniques tout au long de l’histoire: l’influence de l’analyste sur l’analysé. En tant qu’élément d’articulation de la recherche, nous avons utilisé le concept de *contemporanéité*, selon l’approche du philosophe italien Giorgio Agamben.

**Mots-clés:** États-limites. Limites de l’analysabilité. Psychanalyse contemporaine. Suggestion.

## **Abstract**

Oliveira, M. D. (2022). *At the limits of analyzability: questions to a contemporary psychoanalysis*. (Masters dissertation). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.

This dissertation aims to research the psychoanalytic practice in the face of pathologies that challenge the boundaries of the analyst's activity. In order to do so, it starts with the problematization of borderline cases in contemporary psychoanalysis: psychic configurations that, in current psychoanalytic literature, are named in different ways: borderline, limit states, non-neurosis, pathologies of narcissism, among other denominations that show a plurality of understandings among psychoanalysts, marking an inevitable interrogation to psychoanalysis. Such structures, by presenting flaws in the symbolic representations, have as a prevalent form of flow of intensities not processed, symbolically, the force of the instinctual movement of the second Freudian topic, putting in check the classic psychoanalytic framework. Therefore, these manifestations are considered as states at the limit of analyzability. The research begins with the reading of Freud's work, visiting moments in the history of the psychoanalytic movement in which the limits of analyzability were questioned by clinical practice, thus promoting an advance of theoretical-clinical frontiers, until we reach the contributions of recent psychoanalytic literature on borderline states. This literature review was driven by the constant clinical questioning that followed, and continues to follow, the theoretical-clinical advances throughout history: the influence of the analyst on the analysand. As an articulator of the same question, we use the concept of contemporaneity, from the point of view of the Italian philosopher Giorgio Agamben.

**Keywords:** Limit States; Limits of analyzability; Contemporary Psychoanalysis

## Sumário

1	Introdução .....	Erro! Indicador não definido.
2	A Psicanálise em Face do <i>Contemporâneo</i> .....	Erro! Indicador não definido.
2.1	Dos casos limites aos estados limites: nas bordas, nos confins da teoria psicanalítica . .....	Erro! Indicador não definido.
2.2	Limites na psicanálise: impossibilidades ou aberturas?	Erro! Indicador não definido.
3	Freud e o Gesto Inaugural: um Passo para Fora da Sugestão	Erro! Indicador não definido.
4	Budapeste, 1918: Novos Caminhos, Reaproximações com a Sugestão	Erro! Indicador não definido.
4.1	A criação das clínicas públicas: inquietações e ampliações teórico clínicas .....	Erro! Indicador não definido.
4.2	Neuroses de paz e neuroses de guerra .....	Erro! Indicador não definido.
4.3	Sándor Ferenczi, <i>ativista</i> da técnica psicanalítica .....	Erro! Indicador não definido.
5	Da Representação Psíquica ao Caráter Impulsivo do Ato Irrepresentado .....	Erro! Indicador não definido.
6	Construção e Casos Limite: um Ensaio de Enlace.....	Erro! Indicador não definido.
7	Sugestão, Construção, Alteridade: E a Ética? Breves Enlaces com o Pensamento de Emmanuel Lévinas.....	Erro! Indicador não definido.
8	André Green: Casos Limites e o Paradigma Contemporâneo	Erro! Indicador não definido.
8.1	Estados nos limites de analisabilidade: estruturas não-neuróticas	Erro! Indicador não definido.
8.2	Formulações acerca da analisabilidade das não-neuroses	Erro! Indicador não definido.
9	Considerações Finais .....	Erro! Indicador não definido.
	<u>Referências</u> .....	Erro! Indicador não definido.

## 1 Introdução

A psicanálise tem seu início a partir da atitude investigativa adotada por Sigmund Freud frente à psicopatologia. Ao escutar as histéricas e seus sintomas, Freud conceitualizou o Inconsciente e desenvolveu uma teoria a respeito do funcionamento do aparelho psíquico, bem como um método de tratamento do que denominou neuroses de transferência. Assim, a partir da escuta clínica das histéricas, nasce a metapsicologia freudiana.

Neste sentido, há um primeiro momento da obra freudiana, que podemos situar no texto *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2001) – marcado pelo desenvolvimento do modelo do sonho, bem como pelo desenvolvimento de um método de interpretação do mesmo, como a *via régia* de acesso ao Inconsciente –, seguido pelos ensaios de metapsicologia publicados em 1914/1915 – dentre eles, *Pulsões e seus destinos* (Freud, 1915/2010c), *O recalçamento* (Freud, 1915/2010a), e *O inconsciente* (Freud, 1915/2010b) –, que dão conta do entendimento de um funcionamento psíquico que opera sob a ação do recalçamento, configurado a partir de instâncias psíquicas: Consciente, Pré-Consciente e Inconsciente. Nesta perspectiva, o sintoma neurótico é entendido como um “retorno do recalçado”, ou seja, uma formação de compromisso entre duas instâncias, que expressa conteúdos inconscientes e representados simbolicamente. “A histérica sofre, na maior parte, de reminiscências”, nos dizem Breuer e Freud (1895/2010, p. 33), em *Estudos sobre a histeria*.

Como nos aponta seu criador, a psicanálise “não brotou das rochas nem caiu do céu” (Freud, 1924/2011, p. 223), visto que a mesma é fruto de indagações à uma prática médica até então vigente, em que neurologistas buscavam, através de experimentos como a hipnose e a prática de sugestão direta, ligar os sintomas histéricos a lesões cerebrais. René Roussillon (2017) entende o marco inaugural da psicanálise no movimento de “dar um passo para fora da sugestão, para fora da hipnose” (p. 72), para que o sofrimento histérico pudesse ser escutado a partir das produções do inconsciente: “[Freud] desenvolve, portanto, o modelo do sonho e da interpretação do mesmo como ‘via régia’ para tentar se livrar de toda acusação de *influência sugestiva* [grifo nosso]: o sonho tem um lugar fora da presença do psicanalista” (p. 72).

No decorrer da história da psicanálise, a prática clínica segue interrogando e fazendo trabalhar seus pressupostos teóricos, possibilitando que a teoria psicanalítica se complexifique e se amplie. Achados clínicos levam Freud a pensar “as neuroses narcísicas”, o que o leva a ampliar seu entendimento a respeito do funcionamento psíquico. O texto freudiano de 1920, *Além do princípio do prazer*, propõe uma reformulação da teoria pulsional, estendendo o entendimento psicanalítico de forma a abarcar conteúdos não representados, simbolicamente, e

trazendo à luz, portanto, o tema da compulsão à repetição a partir de um psiquismo não só governado pelo princípio do prazer, mas também aquém do mesmo. O mortífero pulsional entra em cena e a psicanálise tem seu campo de escuta ampliado para além do sofrimento neurótico. É um segundo momento da obra freudiana, consagrado em 1923 com a publicação de *O eu e o id*. René Roussillon (2017) aponta com precisão a importância deste escrito para o entendimento teórico/clínico:

Ele [Freud] sublinha que não é mais possível dizer “O inconsciente”, pois há mais de um. [...] Ele enumera: os conteúdos inconscientes suscetíveis de se tornarem conscientes com certa facilidade, aqueles do pré-consciente; os conteúdos recalçados, portanto tornados inconscientes como efeito da utilização de uma defesa, e que não voltarão a ser conscientes se não por todo um trabalho psíquico de reapropriação. E, enfim, novidade na paisagem psíquica, conteúdos “não suscetíveis de se tornarem conscientes sob esta forma” [através de um trabalho psíquico de reapropriação] e que, portanto, deverão ser transformados para poderem vir a se tornar conscientes, assim ele designa os conteúdos do Id. (p. 203)

É importante ressaltar que ambas as proposições teóricas – concernentes à primeira tópica, de 1900/1915, e à segunda tópica, 1920/1923 – nascem a partir de uma atitude investigativa na clínica, mas também, de igual forma, falam de um espírito de época. Se, ao escutar o sofrimento das histéricas, descortina-se a possibilidade de uma abordagem crítica sobre um ambiente cultural – a era vitoriana –, também as postulações de 1920 e 1923 estão permeadas pelos efeitos, no sujeito, de um acontecimento trágico e decisivo na história europeia: a primeira guerra mundial. É indissociável, portanto, a interface cultura/clínica.

Desde então, a clínica psicanalítica vem abrindo suas portas para sujeitos que apresentam manifestações clínicas que não necessariamente possuem uma relação simbólica entre conteúdo recalçado e manifesto, e tampouco apresentam alucinações, delírios ou outras manifestações características da psicose. O que ficava antes *à margem* de uma escuta psicanalítica, hoje passa a ocupar um importante lugar no debate teórico, interrogando, novamente, a técnica e a teoria psicanalítica a respeito dos seus pressupostos.

São inúmeras as produções teóricas pós-freudianas a respeito de constelações psíquicas cujas expressões assumem a forma de manifestações em ato, somatizações, adições, dentre outras expressões que evidenciam falhas nas representações simbólicas. Psiquismos que apresentam uma fragilidade em metabolizar os excessos – internos e externos –, onde a força da *moção pulsional* da segunda tópica freudiana entra em cena nos tratamentos psicanalíticos, como forma de escoamento das intensidades não tramitadas, simbolicamente. Configurações

psíquicas que, na literatura psicanalítica atual, são nomeadas de diversas formas: *fronteiriças*, *borderline*, *estados limites*, *não-neurose*, *patologias do narcisismo*, entre outras denominações que evidenciam uma pluralidade de entendimentos entre os psicanalistas, marcando assim a inevitável interrogação que tais casos suscitam à psicanálise contemporânea.

O que se propõe neste trabalho é uma reflexão sobre estas formas de psicopatologia, que, por interrogarem o fazer psicanalítico contemporâneo, se encontram nos *limites de analisabilidade*. Como fio condutor da pesquisa, adotamos o conceito de *contemporaneidade* a partir da visão do filósofo italiano Giorgio Agamben (2009), que nos propõe pensar a contemporaneidade como aquilo que nos possibilita mantermos fixo o olhar em nosso tempo, para dele percebermos não as luzes, mas seu escuro, e, desta forma, adotarmos “uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este, e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo” (p. 59). A partir deste entendimento, tal conceito parece-nos abrir uma perspectiva crítica, permitindo tomar tais situações clínicas limites como *contemporâneas*, justamente por evidenciarem pontos na metapsicologia psicanalítica onde se faz necessária uma ampliação de suas fronteiras, para que a mesma possa abarcar em seu território o fazer clínico diante de tais contextos. Assim, as situações nos limites da analisabilidade levam a psicanálise a colocar luz em pontos até então “sombrios” em sua teoria.

O conceito de contemporâneo permitiu-nos, a partir dos tensionamentos teóricos que os casos nos limites da analisabilidade provocam ao fazer clínico atual, deslocarmo-nos no tempo, articulando a teoria clássica freudiana e as reflexões psicanalíticas atuais num mesmo *corpus* problemático: a atividade do analista. Visto que tais situações questionam o fazer do analista, realizamos uma revisão da literatura conduzida pelo constante interrogante clínico que acompanhou, e segue acompanhando, os avanços teórico-clínicos ao longo história: a influência do analista sobre o analisando. Para tanto, partiu-se da nossa leitura da obra freudiana, visitando momentos da história do movimento psicanalítico em que os limites de analisabilidade foram questionados pela prática clínica, promovendo, assim, um avanço das suas fronteiras, até chegarmos nas contribuições da literatura psicanalítica recente acerca dos estados fronteiriços. Ainda na proposta de contemporaneidade de Agamben (2009), procuramos articular tais avanços com o marco inaugural da psicanálise (Roussillon, 2017): o afastamento da sugestão. Nossa hipótese é de que, em psicanálise, ser contemporâneo consiste em posicionar-se diante desse problema crucial – o da sugestão –, a partir das questões endereçadas à clínica psicanalítica em cada momento histórico.

Ainda, a fim de nos aproximarmos de uma reflexão sobre a ética em tais cenários transferenciais limítrofes, uma breve exploração acerca do tema é realizada a partir do pensamento de Emmanuel Lévinas. A leitura da literatura recente é circunscrita, nesta pesquisa, principalmente às contribuições de dois psicanalistas radicados na França: René Roussillon e André Green. Compreendemos que esta opção tem algo de arbitrário, mas a consideramos justificável pela ancoragem que as mesmas apresentam na teoria freudiana, bem como por sua pertinência no debate acerca dos casos ditos limítrofes, sobretudo suas contribuições metapsicológicas acerca dos processos de subjetivação em tais processos de análise.

## 2 Considerações Finais

Tomar os desafios da clínica, seus impasses, suas encruzilhadas e desilusões, ou seja, o que se coloca como um estado-limite na experiência analítica, constitui condição para que se possa avançar na psicanálise. Conforme exposto nesta pesquisa, tais estados-limites evidenciam a pertinência de um debate teórico-clínico acerca do fazer do psicanalista na contemporaneidade, bem como as possibilidades de analisabilidade em situações em que o mesmo se vê necessariamente impelido a expandir as fronteiras de sua atividade para *além do analisar*, no sentido proposto por Freud em 1919.

O que se procurou mostrar é que, ainda que o próprio criador da psicanálise tenha expandido as fronteiras de seu fazer clínico e de suas formulações teóricas a partir de impasses experimentados em sua clínica, tal avanço carregou consigo um questionamento acerca das fronteiras da psicanálise: a análise de pacientes com configurações psicopatológicas distintas dos critérios de analisabilidade canonizados pela *cura-tipo* trazem, sobretudo, um questionamento ético, em que o plano da alteridade é trazido ao centro da discussão psicanalítica.

Tal discussão, conforme buscamos desenvolver ao longo desta pesquisa, remete, inevitavelmente, ao marco inicial da prática psicanalítica, ou seja, o afastamento da prática sugestiva. Assim, entendemos que tal discussão torna-se pertinente e necessária para que a técnica e a teoria psicanalítica possam seguir se situando nos confins, conforme sugerem Pontalis (2005) e Birman (2011), o que possibilita que a psicanálise se caracterize como um movimento, sensível aos questionamentos e desafios impostos por tais estados-limite da experiência clínica, encontrando neste limite a sua potência efetiva.

Entendemos, ainda, que o conceito de contemporaneidade, tal como proposto por Agamben (2009), possibilitou considerarmos tais avanços na teoria psicanalítica não apenas em uma perspectiva cronológico-linear, mas, sobretudo, situá-las nas bordas do fazer psicanalítico, para cuja compreensão uma discussão sobre os contextos históricos e as injunções culturais são importantes e mesmo produzem efeitos no fazer clínico. Neste sentido, cabe o registro de que esta pesquisa foi desenvolvida, em sua grande parte, durante a pandemia de Corona vírus (COVID-19), em que as medidas sanitárias necessárias para conter a contaminação contemplam, sobretudo, o isolamento social. Desta forma, o fazer clínico, incluindo o enquadre analítico, urgiu ser modificado em um período muito curto de tempo, demandando novas formas de escuta para que os processos de análise pudessem seguir e, muitos inclusive, pudessem iniciar. Embora já passados dois anos desde que a Organização Mundial de Saúde

declarou a pandemia, ainda estamos vivenciando, como psicanalistas, estados e situações limites em nosso fazer clínico.

Cabe lançarmos aqui a hipótese de que estejamos vivenciando, neste momento, um período da história, que poderá vir a ter efeitos na história do movimento psicanalítico que, *a posteriori*, possa também ser considerado como uma “dobradiça”, um marco no fazer clínico psicanalítico: tanto no que diz respeito à escuta dos padecimentos psíquicos marcados por este importante e intenso período, quanto pelas novas formas, para muitos psicanalistas, de escuta possível, como, por exemplo, as sessões realizadas de forma *on-line*, ou, ainda que de forma presencial, marcadas pelo uso de máscaras faciais e todas as repercussões transferenciais advindas destas mudanças no enquadre analítico. Vimo-nos, todos, impelidos a expandir e, muitas vezes, reinventar as fronteiras das formas de exercer nossa escuta analítica. Frente a tantas mudanças impostas neste período, a proposta greeniana de enquadre interno do analista mostrou-se de grande pertinência para meu fazer clínico. Este, inclusive, pode vir a ser um possível desdobramento desta pesquisa.

Obviamente, o enfrentamento de uma pandemia tem efeitos que atravessam não apenas o fazer clínico de um psicanalista, exigindo um *trabalho* de reinvenção que afeta também seu estudo teórico. Sendo esta uma das marcas e limites desta pesquisa, entende-se que esta possa ser um ponto de partida para uma reflexão posterior mais desenvolvida. Possíveis caminhos para o seguimento da mesma podem ser traçados a partir do diálogo com o pensamento de outros psicanalistas que também se dedicaram e dedicam a analisar pacientes com configurações psicopatológicas distintas dos critérios de analisabilidade canonizados pela *curatipo*, o que “supõe no analista a tolerância de um modo de atividade psíquica que joga um papel de receptor de complementaridade” (Green 2002/2014, p. 316). Dentre tais autores, além dos citados nesta dissertação, destacam-se Donald Winnicott (o conceito de objeto transicional e de espaço potencial), Wilfred Bion, o casal Cesar e Sara Botella, Thomas Odgen, dentre outros.

## Referências

- Agamben, G. (2009). *O que é o contemporâneo?: e outros ensaios* (V. Honesko, Trad.). Chapecó: Argos.
- Aguiar, F. (2016). Psicanálise e psicoterapia: o fator da sugestão no “tratamento psíquico”. *Psicologia: ciência e profissão*, 36(1), 116-129. doi: 10.1590/1982-3703004102015
- Birman, J. (2011). Borda e dobra em psicanálise: sobre o limite na experiência psicanalítica. In C. A. Garcia, & M. R. Cardoso (Orgs.), *Limites da clínica. Clínica dos limites* (pp. 11-31). Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- Bleichmar, S. (2009). *Paradojas de la sexualidad masculina* (2a reimp.). Buenos Aires: Paidós.
- Bokanowski, T. (2000). *Sándor Ferenczi* (M. Seincman, Trad.). São Paulo: Via Lettera.
- Breuer, J., & Freud, S. (2010). Estudios sobre la histeria. In J. Strachey (Org.), *Obras completas Sigmund Freud* (2a ed., 12a reimp., J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 2, pp. 1-42) Buenos Aires: Amorrortu. (Obra originalmente publicada em 1895)
- Broide, J. (2019). Prefácio. In E. Danto, *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social, 1918-1938* (M. Goldszajn, Trad., pp. XIII-XVIII). São Paulo: Perspectiva. (Obra originalmente publicada em 2005)
- Candi, T. (2015). Limite e simbolização: do impasse ao potencial. In T. Candi, (Org.), *Diálogos psicanalíticos contemporâneos: o representável e o irrepresentável em André Green e Thomas H. Ogden* (pp. 203-234). São Paulo: Escuta.
- Candi, T. (2020). *O duplo limite: o aparelho psíquico de André Green* (2a ed.). São Paulo: Escuta.
- Castiel, S. (2019). *Narcisismo, pulsões e sexualidade: repercussões clínicas*. São Paulo: Escuta.
- Castiel, S., Bratz, D., Gerchman, F., Nunes, M., Oliveira, M., Hammerschmitt, N., ... Chies, T. (2018). O modelo do ato: proposições de André Green para a clínica das não-neuroses. *Diaphora*, 7(2), 46-48. Recuperado de <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/163>
- Chervet, B. (2008). Constructions, détresse et conviction en psychanalyse. *Revue française de psychanalyse*, 5(72), 1443-1452. Recuperado de <https://www.cairn.info/revue-francaisede-psychanalyse-2008-5-page-1443.htm>
- Coelho, N., Jr. (2004). Ferenczi e a experiência de Einfühlung. *Ágora*, 7(1), 73-85. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/agora/a/ssnWqNMCsMMNcVzBbrTxGQD/?lang=pt>
- Coelho, N., Jr. (2008). Da fenomenologia à ética como filosofia primeira: notas sobre a noção de alteridade no pensamento de E. Lévinas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 8(2), 213-223. Recuperado de <http://www.revispsi.uerj.br/v8n2/artigos/pdf/v8n2a07.pdf>

- Coelho, N., Jr. (2013). A importância de André Green para a psicanálise contemporânea. *Percurso*, 25(49/50). Recuperado de [http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo\\_view&ida=1018&ori=edicao&id\\_edicao=49](http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=1018&ori=edicao&id_edicao=49)
- Coelho, N., Jr. (2018). A matriz ferencziana. In L. C. Figueiredo, & N. Coelho, Jr., *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura: matrizes e modelos em psicanálise* (pp. 117-186). São Paulo: Blucher.
- Coelho, N., Jr., & Figueiredo, L. C. (2004). Figuras da intersubjetividade na constituição subjetiva: dimensões da alteridade. *Interações*, 9(17), 9-28. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-29072004000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072004000100002)
- Couliou, B. (2007). Freud, la psychanalyse et le «tournant» de la première guerre mondiale. *Guerres mondiales et conflits contemporains*, 226(2), 83-96. Recuperado de <https://www.cairn.info/revue-guerres-mondiales-et-conflits-contemporains-2007-2-page83.htm>
- Danto, E. A. (2019). *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social, 1918-1938* (M. Goldtajn, Trad.). São Paulo: Perspectiva. (Obra originalmente publicada em 2005)
- Didi-Huberman, G. (2015). *Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Contraponto. (Obra originalmente publicada em 1982).
- Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico* (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra originalmente publicada em 1932)
- Ferenczi, S. (1993). Contraindicações da técnica ativa. In S. Ferenczi, *Psicanálise III* (2a ed., A. Cabral, Trad., Obras completas Sándor Ferenczi, Vol. 3, pp. 365-375). São Paulo: Martins Fontes. (Obra originalmente publicada em 1926)
- Ferenczi, S. (2011a). A influência exercida sobre o paciente em análise. In S. Ferenczi, *Psicanálise III* (2a ed., A. Cabral, Trad., Obras completas Sándor Ferenczi, Vol. 3, pp. 912). São Paulo: Martins Fontes. (Obra originalmente publicada em 1919).
- Ferenczi, S. (2011b). A técnica psicanalítica. In S. Ferenczi, *Psicanálise II* (2a ed., A. Cabral, Trad., Obras completas Sándor Ferenczi, Vol. 2, pp. 407-419). São Paulo: Martins Fontes. (Obra originalmente publicada em 1919)
- Ferenczi, S. (2011c). Dificuldades técnicas de uma análise de histeria. In S. Ferenczi, *Psicanálise III* (2a ed., A. Cabral, Trad., Obras completas Sándor Ferenczi, Vol. 3, pp. 1-8). São Paulo: Martins Fontes. (Obra originalmente publicada em 1919)
- Ferenczi, S. (2011). Prolongamentos da “técnica ativa” em psicanálise. In S. Ferenczi, *Psicanálise III* (2a ed., A. Cabral, Trad., Obras completas Sándor Ferenczi, Vol. 3, pp. 117-135). São Paulo: Martins Fontes. (Obra originalmente publicada em 1921)
- Ferreira, A. B. (2010). *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa* (8a ed.). Curitiba: Positivo.
- Figueiredo, L. C. (1999). *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta.

- Figueiredo, L. C. (2012). *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea* (2a ed.). São Paulo: Escuta.
- Figueiredo, L. C., & Coelho Jr., N. (2018). *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura: matrizes e modelos em psicanálise*. São Paulo: Blucher.
- Freud, S. (1975). *Projeto para uma psicologia científica* (M. Persson, Trad., Pequena coleção das obras de Freud). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1895)
- Freud, S. (2001). *A interpretação dos sonhos* (W. I. de Oliveira, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 1900)
- Freud, S. (2010). A dinâmica da transferência. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 10, pp. 133-146). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1912)
- Freud, S. (2010a). A repressão. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 12, pp. 82-98). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1915)
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 14, pp. 161-239). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1920)
- Freud, S. (2010a) Caminhos da terapia psicanalítica. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 14, pp. 280-292). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1919)
- Freud, S. (2010). História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”). In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 14, pp. 13-160). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1918)
- Freud, S. (2010b). Introdução a psicanálise das neuroses de guerra. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 14, pp. 382-388). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1919)
- Freud, S. (2010a). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 12, pp. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1914)
- Freud, S. (2010). Luto e melancolia. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 12, pp. 170-194). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1917)
- Freud, S. (2010b). O inconsciente. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 12, pp. 99-150). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1915)
- Freud, S. (2010). O início do tratamento. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 10, pp. 164-192). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1913)

- Freud, S. (2010c). Os instintos e seus destinos. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 12, pp. 51-81). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1915)
- Freud, S. (2010b). Recordar, repetir e elaborar. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 10, pp. 193-209). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1914)
- Freud, S. (2010). Sándor Ferenczi. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 18, pp. 465-468). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1933)
- Freud, S. (2011). “Autobiografia”. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 16, pp. 76-167). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1925)
- Freud, S. (2011). O eu e o id. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 16, pp. 13-74). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1923)
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 15, pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1921)
- Freud, S. (2011). Resumo da psicanálise. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 16, pp. 223-251). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1924).
- Freud, S. (2012). Totem e tabu. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 11, pp. 13-243). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1912/1913)
- Freud, S. (2014a). A terapia analítica. In S. Freud, *Obras completas* (S. Tellaroli, Trad., Vol. 13, pp. 593-613). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1917)
- Freud, S. (2014b). A transferência. In S. Freud, *Obras completas* (S. Tellaroli, Trad., Vol. 13, pp. 570-592). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1917)
- Freud, S. (2014). Conferências introdutórias à psicanálise. In S. Freud, *Obras completas* (S. Tellaroli, Trad., Vol. 13). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1916-1917)
- Freud, S. (2016a). Psicoterapia. In S. Freud, *Obras completas* (2a ed., P. C. de Souza, Trad., Vol. 6, pp. 332-347). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1905)
- Freud, S. (2016b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas* (2a ed., P. C. de Souza, Trad., Vol. 6, pp. 13-72). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1905)

- Freud, S. (2018a). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 19, pp. 274-326). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1937)
- Freud, S. (2018). Conclusões, ideias, problemas. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 19, pp. 363-365). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1938)
- Freud, S. (2018b). Construções na análise. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 19, pp. 327-344). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1937)
- Gondar, J. (2012). Ferenczi como pensador político. *Cadernos de Psicanálise*, 34(27), 193-210. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-62952012000200011&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-62952012000200011&script=sci_abstract)
- Green, A. (1962). L'inconscient freudien et la psychanalyse française contemporaine. *Les temps modernes*, 195, 365-379.
- Green, A. (2006). *Les voies nouvelles de la thérapie psychanalytique*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Green, A. (2007). L'ancien et le nouveau. In R. Roussillon, *Logiques et archéologiques du cadre psychanalytique* (2a ed., pp. 7-12). Paris: Presses Universitaires de France.
- Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea* (A. Rivarola et al., Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra originalmente publicada em 2002)
- Green, A. (2012). *La clinique psychanalytique contemporaine*. Paris: Ithaque.
- Green, A. (2013). *Illusions et désillusions du travail psychanalytique*. Paris: Odile Jacob.
- Green, A. (2014). *El pensamiento clínico* (C. Consigli, Trad.). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra originalmente publicada em 2002)
- Green, A. (2015). *De locuras privadas* (2a ed. reimp., J. L. Etcheverry, Trad.). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra originalmente publicada em 1990)
- Green, A., & Urribarri, F. (2015). *Del pensamiento clínico al paradigma contemporáneo: conversaciones* (A. M. Brunet, Trad.). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra originalmente publicada em 2013)
- Kupermann, D. (2014). A maldição egípcia e as modalidades de intervenção clínica em Freud, Ferenczi e Winnicott. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(2), 47-58. Recuperado de <http://www.freudiana.com.br/wp-content/uploads/2012/02/A-Maldicao-Egipcia.pdf>
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (2001). *Vocabulário da psicanálise* (4a ed., P. Tamen, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Le Bon, G. (1954). *Psicologia das multidões*. 5. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet. (Obra originalmente publicada em 1895)

- Lévinas, E. (1982). *Ética e infinito: diálogos com Philippe Nemo*. (J. Gama, Trad., Biblioteca de filosofia contemporânea, Vol. 7). Lisboa: Edições 70.
- Lima, R. A. (2019). Clínicas públicas nos primórdios da psicanálise: uma introdução. *Teoría y Crítica de la Psicología*, 12, 292-314. Recuperado de <http://www.teocripsi.com/ojs/index.php/TCP/article/view/292/242>
- Nemo, P. (1982). Introdução. In E. Lévinas, *Ética e infinito: diálogos com Philippe Nemo*. (J. Gama, Trad., Biblioteca de filosofia contemporânea, Vol. 7, pp. 9-11). Lisboa: Edições 70.
- Nicaretta, M. (2011). A emergência da nova psicoterapia na Era de Ouro Estadunidense: o resumo de uma história. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 31(81), 358-377. Recuperado de [www.redalyc.org/articulo.oa?id=94622764007](http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=94622764007)
- Pontalis, J.-B. (2005). *Entre o sonho e a dor* (C. Berliner, Trad.). Aparecida: Ideias & Letras.
- Reich, W. (1994). *A função do orgasmo: problemas econômico-sexuais da energia biológica* (18a ed.). São Paulo: Brasiliense. (Obra originalmente publicada em 1942)
- Roazen, P. (1978). *Freud e seus discípulos* (H. L. Dantas, Trad.). São Paulo: Cultrix.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Roussillon, R. (2007). *Logiques et archéologiques du cadre psychanalytique* (2a ed.). Paris: Presses Universitaires de France.
- Roussillon, R. (2014). L'actualisation de l'archaïque et les conditions de ses après-coups. *Revue Française de Psychanalyse*, 78(5), 1630-1636. Recuperado de <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-psychanalyse-2014-5-page-1630.htm>
- Roussillon, R. (2015). L'associativité psychique et la méthode psychanalytique de Freud. In R. Perron & S. Missonier (Orgs.), *L'Herne : Sigmund Freud* (Les Cahiers de l'Herne, Vol. 110, pp. 170-177). Paris: Éditions de l'Herne.
- Roussillon, R. (2017). Desconstruir a sugestão: do determinismo à liberdade (M. de Oliveira, Trad.). *Sig: Revista de Psicanálise*, 11(2), 71-80. Recuperado de <https://sig.org.br/bkp/wpcontent/uploads/2019/02/Edicao11-Completa.pdf>
- Sokolowsky, L., & Maleval, J.-C. (2012). L'apport freudien sur les névroses de guerre: un nouage entre théorie, clinique et éthique. *Cliniques Méditerranéennes*, 86(2), 209-218. Recuperado de <https://www.cairn.info/revue-cliniques-mediterraneennes-2012-2-page209.htm>
- Suchet, D. (2006). La frontière (Note sur les mots et la spatialité interne). *Revue Française de Psychanalyse*, 70(5), 1595-1601. Recuperado de <https://www.cairn.info/revue-francaisede-psychanalyse-2006-5-page-1595.htm>
- Suchet, D. (2008a). Déchirure dans l'attention flottante. *Annuel de l'APF*, (1), 121-136. Recuperado <https://www.cairn.info/revue-annuel-de-l-apf-2008-1-page-121.htm>

- Suchet, D. (2008b). La construction, entre le risque de la suggestion et la peur de la banalité. *Revue Française de Psychanalyse*, 72(5), 1583-1590. Recuperado de <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-psychanalyse-2008-5-page-1583.htm>
- Urribarri, F. (2012). El pensamiento clínico: contemporáneo, complejo, terciario. *Revista de Psicoanálisis*, 69(1), 245-259.
- Urribarri, F. (2015). André Green: uma metapsicologia contemporânea para orientar a clínica atual. Da estrutura enquadrante à heterogeneidade representativa. In: Candi, T. (Org.) *Diálogos psicanalíticos contemporâneos: o representável e o irrepresentável em André Green e Thomas H. Ogden*. (pp. 185-202). São Paulo: Escuta.
- Weinmann, A. (2016). Notas sobre a erótica contemporânea. *Sig: Revista de Psicanálise*, 8(1), 11-21. Recuperado de <https://sig.org.br/bkp/wp-content/uploads/2017/11/Revista8.pdf>